



SEMANA SANTA IMATERIAL

*Proposta da Quaresma e Solenidades
da Semana Santa de Braga ao Inventário Nacional
do Património Cultural Imaterial*



Comissão da Quaresma e
Solenidades da Semana
Santa de Braga



BRAGA
Município

SEMANA SANTA IMATERIAL

*Proposta da Quaresma e Solenidades
da Semana Santa de Braga ao Inventário Nacional
do Património Cultural Imaterial*



Comissão da Quaresma e
Solenidades da Semana
Santa de Braga



BRAGA
Município

Ficha técnica

Autoria: Rui Ferreira

Data de submissão: Janeiro de 2016

Data desta publicação: Março de 2021

Entidade Proponente: Município de Braga

Entidades coadjuvantes: Comissão da *Quaresma* e *Solenidades da Semana Santa de Braga*, Irmandade de Santa Cruz, Santa Casa da Misericórdia de Braga, Paróquia de São Victor, Cabido da Sé e Entidade de Turismo Porto e Norte.

Fotografias: Arquivo Aliança/Museu da Imagem, Arquivo Arcelino/ASPA – Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural, Hugo Delgado/WAPA.

Agradecimentos: Arquivo Municipal de Lisboa, Biblioteca Pública de Braga, Instituto de História e Arte Cristãs da Arquidiocese de Braga, Paróquia de São Lázaro, Felicidade Noivas, Pi Creative Studio.



Nota de Abertura

Serve o presente documento para instruir a proposta das Quaresma e Semana Santa de Braga ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, a efetuada junto da Direção Geral do Património Cultural. A submissão da candidatura foi realizada on-line, através da base de dados Matriz PCI, pelo que o presente documento serve de modelo ilustrativo dos conteúdos que se pretendem submeter, que são mais extensos e com maior número de documentação associada.

A Entidade Proponente é a Câmara Municipal de Braga, tendo contado com a participação ativa da Comissão da Semana Santa de Braga, e das suas principais entidades promotoras, entre as quais se conta o Cabido da Sé, a Irmandade de Santa Cruz, a Santa Casa da Misericórdia de Braga e a Entidade de Turismo Porto e Norte. O processo de identificação, estudo e documentação de que resulta o presente pedido de inventariação da Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga foi efetuado com recurso à observação direta, entrevistas, recolha bibliográfica e fotográfica, e investigação de arquivos históricos.

O documento que instrui este pedido de inventariação foi elaborado por Rui Manuel Gomes Ferreira, Mestre em Património e Turismo Cultural pela Universidade do Minho e Assessor do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Braga, integrando-se no seu projeto de doutoramento intitulado “Os cerimoniais público(-privados) e as solenidades da Semana Santa de Braga” levado a efeito no âmbito do plano doutoral em Estudos Culturais pela Universidade do Minho.

Esta proposta de inventariação não teria sido possível sem a disponibilidade e auxílio de todas as instituições citadas bem como de outras entidades que gentilmente permitiram a utilização de fotos, a digitalização de documentos, entre outros elementos solicitados.

Braga, 19 de Março de 2021

Lídia Brás Dias
Vereadora da Cultura



CAPÍTULO I

Identificação



Farricocos aprontando-se na para sair às ruas na Quinta-Feira Santa

[Hugo Delgado/WAPA, 2018]

1. DOMÍNIO: Práticas sociais, rituais e eventos festivos (alínea c) do n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de Junho).

2. CATEGORIA: Rituais coletivos.

3. DENOMINAÇÃO: *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga*

4. OUTRAS DENOMINAÇÕES: *Festas da Semana Santa de Braga; Celebrações Pascaís Bracarenses.*

5. CONTEXTO TIPOLOGICO: *A Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga é um conjunto de manifestações sociais de índole religiosa e cultural, que detém raízes da tradição cultural da Igreja Católica em Braga, sendo reveladora de um contexto que proporciona ocorrências singulares na sua expressividade e impacto comunitário.*



Bênção dos Ramos na manhã de Domingo de Ramos na Igreja de São Paulo

[Hugo Delgado/WAPA, 2017]

6. CONTEXTO DE PRODUÇÃO:

6.1. CONTEXTO SOCIAL:

6.1.1. COMUNIDADE(S): As manifestações realizadas no âmbito da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* têm lugar de forma regular em quatro das trinta e sete unidades administrativas do Município de Braga, nomeadamente na União de Freguesias de Maximinos Sé e Cividade, União de Freguesias de S. Lázaro e S. João do Souto, Freguesia de S. Victor e Freguesia de S. Vicente. Apesar de, em termos geográficos, a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* ter lugar primordial nas quatro unidades administrativas referenciadas, as dinâmicas que lhe estão associadas envolve indivíduos e instituições com proveniência de todas as comunidades que compõem o Município de Braga.

6.1.2. GRUPO(S): As ações da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* são preparadas, cada ano, pela Comissão instituída pelas seis entidades promotoras (Cabido da Sé de Braga, Santa Casa da Misericórdia de Braga, Irmandade de Santa Cruz, Câmara Municipal de

Braga, Entidade de Turismo do Porto e Norte de Portugal e Associação Comercial de Braga). É presidida pelo representante do Cabido, principal promotor, e constituída pelos membros que representam as demais instituições promotoras, agregadas em parceria, e ainda por alguns elementos a título individual.

6.1.3. INDIVÍDUO(S): Os indivíduos que, direta ou indiretamente, detêm uma participação ativa na realização da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* são naturais do Município de Braga, entre os 6 e os 90 anos de idade, com vínculo formal ou informal à Igreja Católica e às suas instituições regulares ou seculares. Devido à crescente relevância da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* como produto turístico consolidado da cidade de Braga, regista-se ainda o envolvimento direto na organização de profissionais vinculados à atividade turística ou comercial, com ou sem vinculação à Igreja Católica.



O beijar da cruz durante o Compasso Pascal no Domingo de Páscoa
[Hugo Delgado/WAPA, 2015]

6.2 CONTEXTO TERRITORIAL:

6.2.1. LOCAL: O local onde se realizam a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* é a cidade de Braga.

6.2.2. FREGUESIA: A *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* decorrem na área urbana central, fundamentalmente no território da União de Freguesias de S. Lázaro e S. João do Souto e da União de Freguesias de Maximinos, Sé e Cidade.

6.2.3. MUNICÍPIO: Braga.

6.2.4. DISTRITO: Braga.

6.2.5. PAÍS: Portugal.

6.2.6. NUTS II: Norte.

6.2.7. NUTS III: Cávado.



Irmandades encapuçadas e vestindo de negro na Procissão do Enterro do Senhor

[Hugo Delgado/WAPA, 2013]

6.3. CONTEXTO TEMPORAL:

6.3.1. PERIODICIDADE: A *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* realiza-se com periodicidade anual.

6.3.2. DATA(S): A *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* realiza-se entre a Quarta-Feira de Cinzas e o Domingo de Páscoa, sobretudo durante os meses de Fevereiro, Março e Abril, variando a sua ocorrência conforme a definição das festas móveis do calendário, nomeadamente do Carnaval e da Páscoa. A organização dos dois períodos maiores que compõem o calendário desta manifestação anual corresponde ao seguinte:

– *Lausperene Quaresmal:* desde a Quarta-Feira de Cinzas até à Quarta-Feira Santa (ou de Trevas)

– *Semana Santa:* desde a véspera do Domingo de Ramos até ao Domingo de Páscoa. Algumas das manifestações associadas, descritas neste documento ocorrem na Segunda-Feira de Páscoa.



Andor de Nossa Senhora da Soledade na Procissão do Enterro do Senhor
[Hugo Delgado/WAPA, 2013]

7. CONTEXTO DE TRANSMISSÃO:

7.1. ESTADO: O conjunto de manifestações de carácter anual que integram a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* encontra-se ativo.

7.2. DESCRIÇÃO: A transmissão das manifestações realizadas no âmbito da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* é efetuada particularmente através das instituições promotoras das mesmas, nomeadamente o Cabido da Sé, Irmandade de Santa Cruz, Santa Casa da Misericórdia, entre outras entidades religiosas que registam participação neste contexto. Contudo, regista-se um papel propulsor destas manifestações da parte das instituições de carácter civil como é o caso da Câmara Municipal de Braga e da Entidade Regional de Turismo Porto e Norte, que apoiam financeira e logisticamente a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga*, garantindo assim a sua subsistência no quotidiano da comunidade bracarense e, por conseguinte, a sua transmissão. A participação e envolvimento da população é garantido através da tradição religiosa bastante enraizada nos costumes e hábitos familiares e comunitários. Partindo das entidades organizadoras e cooperantes, as manifestações são devidamente acompanhadas e participadas pela população natural dos territórios onde decorrem as manifestações e também por indivíduos das restantes freguesias do Município de Braga.



Grupo de Farricocos durante a Procissão do Senhor Ecce Homo

[Hugo Delgado/WAPA, 2014]

7.3. MODO(S): A transmissão das manifestações é feita fundamentalmente por via oral e escrita. A apreensão de todos estes conteúdos é concretizada a partir da observação participante e não-participante. Todas as manifestações integradas na *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* têm carácter público, estando integradas no ideário social da comunidade. Beneficiam também de um mediatismo e de atratividade turística que acaba por beneficiar os processos de transmissão às novas gerações de bragueses, particularmente aqueles cujas origens familiares não são originárias de Braga. A participação nas manifestações a partir da infância ou juventude – na qualidade de figurantes das procissões por exemplo – acaba por beneficiar os processos de transmissão dos conteúdos. O facto da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* beneficiarem hodiernamente de um programa integrado de salvaguarda e promoção acaba por reforçar esta transmissão.

7.4. AGENTE(S): Os agentes de transmissão são fundamentalmente os indivíduos que integram as entidades supracitadas que constituem a Comissão da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* e detêm um papel assinalável no desenvolvimento das diversas manifestações. Entre os agentes de transmissão integram-se também as estruturas institucionais locais da Igreja Católica, em cuja missão se integra em muitos casos a mobilização e participação em algumas das manifestações da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga*.

7.5. IDIOMA: Português.



Procissão dos Passos na rua D. Paio Mendes

[Arquivo Aliança/ Museu da Imagem/ Câmara Municipal de Braga, 1918]

8. HISTORIAL: O imaginário da Paixão de Cristo, aplicado ao cenário histórico bracarense, foi capaz de se expressar de formas tão sublimes e perenes como os casos do Bom Jesus do Monte ou da igreja de Santa Cruz, no âmbito material, ou os cerimoniais que compõem a *Semana Santa de Braga*, quando nos referimos às manifestações imateriais. Todos estes exemplos contêm uma origem individualizada, apartada no tempo e nas vontades, contudo são expressão de um ímpeto presente no ideário coletivo que versa sobre a mais dramática e emotiva narração da mundividência judaico-cristã.

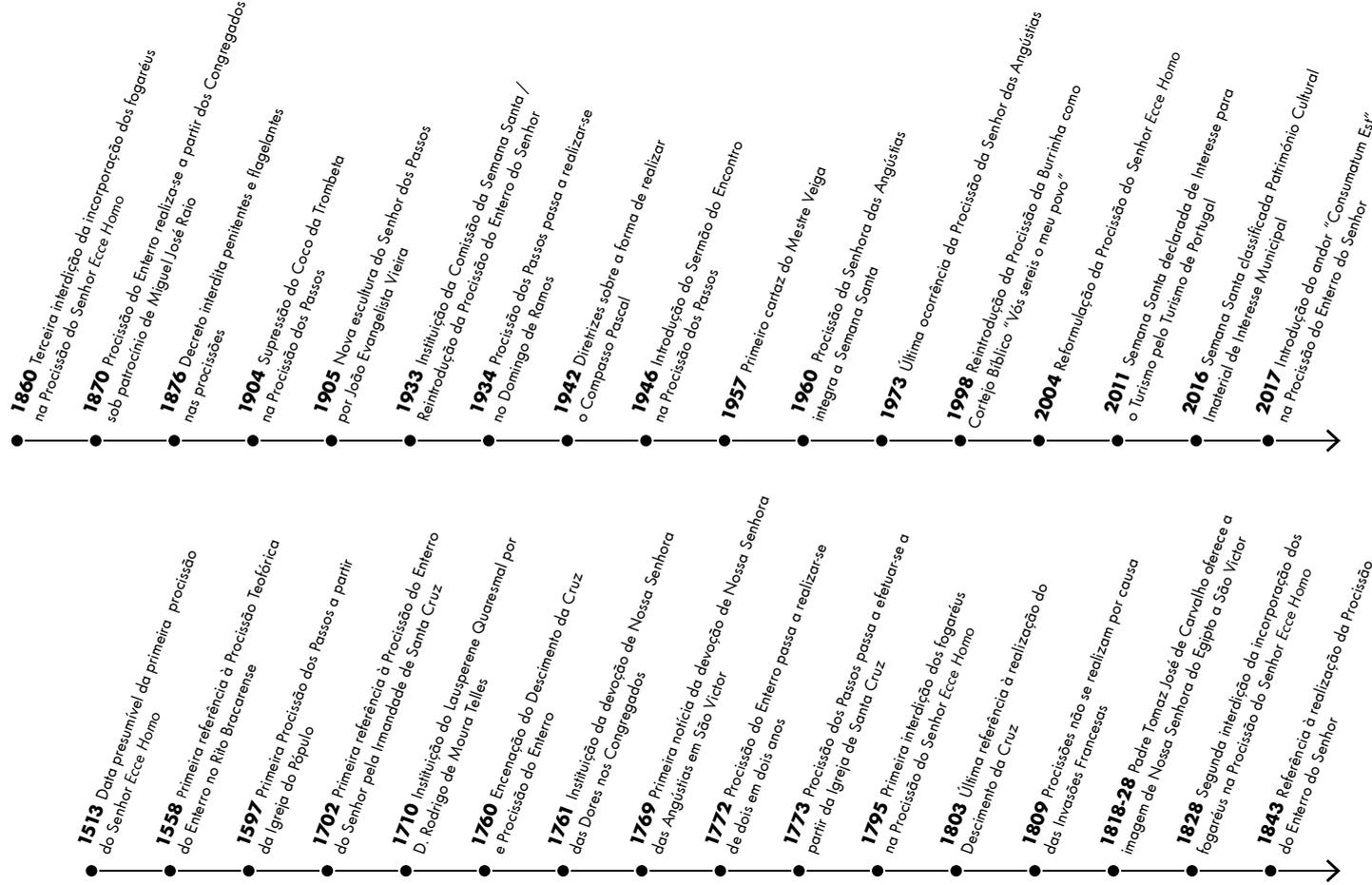
A Paixão de Cristo, entendida como o conjunto de relatos que a tradição cristã sublinha a respeito do momento crucial da existência terrena de Jesus Cristo, é uma temática indissociável da experiência comunitária do Cristianismo.

O elaborado e complexo conjunto de rituais, que se foram enraizando na tradição cristã, é portador de um universo simbólico e representacional muito vasto. A homogeneidade ritual imposta, particularmente a partir do século XI, no seio da Igreja Católica provocou uma simbiose particular entre as formas de vivência comunitária das principais celebrações do calendário cristão.

Este facto acabou por ser inibidor do surgimento de ritos próprios, o que resultou numa frequente repetição de abordagens cerimoniais impostas pelo ordinário cristão. Por isso mesmo, para se falar da origem da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* temos necessariamente que perceber que estas celebrações se realizam um pouco por todo o mundo cristão e que, mesmo as procissões, entendidas como fenómeno de envolvimento social que obedecem a uma temática específica e a uma ordem reguladora, se repetem um pouco por todo o país em outros lugares.

A partir do momento em que a Irmandade de Santa Cruz, fundada em 1581, e em que a Irmandade da Misericórdia, fundada em 1513, se começaram a afirmar no quotidiano bracarense, as suas procissões adquiriram um igual destaque entre as demais. Recordemos que as pessoas mais influentes da cidade pertenciam a estas Irmandades e isso poderá explicar a dimensão que as suas grandes celebrações anuais adquiriram. A Procissão dos Passos deverá ter alcançado particular protagonismo quando a Confraria do Bom Jesus dos Passos, erigida na igreja do Pópulo, se uniu à Irmandade de Santa Cruz, no ano de 1773, embora já se realizasse desde o ano de 1597.

linha cronológica



A Procissão do Senhor “*Ecce Homo*”, com origens provavelmente no século XVI, ganhou relevo pelo facto de ser um préstito de penitentes, os denominados “farricocos”, que hoje são símbolo da Semana Santa, mas que outrora punham os seus pecados neste percurso. Por outro lado, temos o Cabido da Sé Primaz, responsável pelas celebrações do Tríduo Pascal, nas quais participa o Arcebispo Primaz. Por isso, estas celebrações tornaram-se nas mais solenes e sumptuosas da cidade, para além de ostentarem o secular rito bracarense, do qual se destaca a Procissão Teofórica do Enterro, que percorre as naves da Catedral. A Sé é ainda o ponto de partida da Procissão do Enterro do Senhor, na qual participam diversas confrarias de Braga, para além das já citadas Irmandades. Acrescentando a estes destacados momentos, hemos também como objeto de abordagem a tradição do Lausperene Quaresmal, iniciado em 1710 pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles e que continua a realizar-se com significativa vitalidade.

A centralidade do espaço físico da Sé Primaz é inequívoca nestas celebrações. Portadora das principais dinâmicas sociais e religiosas de Braga ao longo de vários séculos, a Catedral é igualmente sede espaço-temporal dos acontecimentos que envolvem e determinam a Semana Santa

enquanto realidade unívoca. Este facto obriga-nos a um estudo aprofundado do conteúdo representacional presente no monumento mais paradigmático da história de Braga.

A *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* funda, pois, a sua imagem hodierna num conjunto de tradições constantes particularmente nos últimos três séculos. As suas representações mais relevantes são efetivamente as procissões, autênticas recriações do cerimonial público cristão, com uma capacidade mobilizadora assinalável e cuja essência ultrapassa claramente os limites da crença devocional e se situa hoje num patamar turístico-cultural evidente. Integra ainda algumas dimensões relacionadas com o cerimonial específico da Sé de Braga e com algumas práticas devocionais cuja vitalidade se mantém.

As manifestações enquadradas com a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* revelam-se hodiernamente como fenómeno turístico, envolvendo a comunidade num ambiente e vivência muito particular, apelando às raízes cristãs que acompanharam a história da própria cidade. Surge hoje com um programa unificado e com uma comissão organizadora que tenta mobilizar as entidades civis e religiosas em torno de objetivos comuns, organizacional das instituições religiosas da cidade.



Membros do Cabido desfilam, um a um, encapotados na Procissão do Enterro do Senhor

[Hugo Delgado/WAPA, 2008]

9. CARACTERIZAÇÃO:

9.1. CARACTERIZAÇÃO SÍNTESE: A cidade de Braga, como cenário preferencial da vivência da Paixão de Jesus Cristo em Portugal, oferece-nos um dos mais vastos e oportunos repositórios de manifestações associadas à Semana Santa e à celebração pascal. Celebrações enraizadas na comunidade desde que o Cristianismo aqui se implantou no século IV, acabou por obter um particular desenvolvimento através do papel dos seus arcebispos, ordens religiosas e corporações seculares, salientando-se as iniciativas do Arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus no final do século XVI. A partir de 1933, com a criação da Comissão da Semana Santa, verificou-se um especial incremento das dinâmicas associadas.

Não são apenas as seculares procissões dos Passos (1597) e do Senhor *Ecce Homo* (1513), completadas nas últimas décadas pela Procissão do Enterro do Senhor (1933) e pela renovada Procissão da Burrinha (1998), que perfazem a imponência da quadra. As ruas vestem-se

de roxo e perfumam-se de incenso, tal como os principais templos que continuam a centralizar o exercício de práticas seculares. Na Sé Primaz decorrem as principais celebrações segundo o pendore de um costume litúrgico que reivindica identidade. Nos Congregados desprendem-se as espadas da imagem da Senhora das Dores, pioneira desta devoção em Portugal e propulsora de um peculiar exercício devocional. Em sete igrejas se adora o sepulcro do Senhor, num desafio à contemplação da mais tenebrosa contingência da existência humana. E no domingo estala a alegria! As campainhas ouvem-se ao longe. Os foguetes estalam no ar. As portas das casas abrem-se e exibem a abundância primaveril. O Senhor ressuscitou! Porém, dando cumprimento à Quaresma, especial tempo de preparação para a Páscoa que a Igreja propõe aos cristãos, é proposto um conjunto de ações, de natureza eminentemente cultural ou vinculadas às práticas devocionais deste tempo, que complementa e antecipa a Semana Maior.



Encerramento do Lausperene de Quarta-Feira de Cinzas na Sé Primaz

[Hugo Delgado/WAPA, 2008]

9.2 CARACTERIZAÇÃO DESENVOLVIDA:

9.2.1. O LAUSPERENE QUARESIMAL: O Lausperene Quaresmal da cidade de Braga, delimitado pela Quarta-Feira de Cinzas e pela Quinta-Feira Santa, é uma das mais peculiares manifestações da devoção eucarística. Anualmente replicado num itinerário com vinte e três etapas agendadas nos principais e mais emblemáticos espaços de culto da zona urbana, é uma prática que já ultrapassou os três séculos de existência. É durante o Lausperene Quaresmal – e apenas neste momento do calendário – que muitas destas igrejas abrem as suas artísticas tribunas ou que utilizam uma parte das suas porcelanas, damascos e ourivesarias, atingindo um peculiar esplendor. Nasceu por iniciativa do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles em 1710 e desde aí nunca mais cessou de marcar presença no quotidiano dos bracarenses.



Andor do Senhor dos Passos durante a procissão

[Hugo Delgado/WAPA, 2013]

9.2.2. A PROCISSÃO DOS PASSOS: A Procissão dos Passos, organizada anualmente no Domingo de Ramos pela Irmandade de Santa Cruz, é o primeiro grande cerimonial da Semana Santa de Braga. Instituída no ano de 1597 pelo Arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus, é plausivelmente a segunda mais antiga do género em Portugal. O objetivo desta procissão é reconstituir o caminho (os passos) de Jesus Cristo desde o Pretório até ao Calvário. Por isso mesmo, ainda hoje, a procissão cumpre o itinerário dos Passos (calvários) espalhados no centro histórico. O ponto alto ocorre quando o préstito atinge o largo Carlos Amarante, defronte da igreja de Santa Cruz, onde é pronunciado o sermão do Encontro, momento catequético-devocional introduzido em 1946. Após esta encenação, a procissão prossegue a sua marcha, agora com o andor de Nossa Senhora da Soledade incorporado. Num passado não muito distante, a procissão era antecedida por grupos de farricocos, vestidos de túnicas roxas, e hordas de penitentes que se flagelavam em público. Em memória destas figuras, abre a procissão um farricoco, carregando uma trompeta.



Quadro da Fugida para o Egípto durante a Procissão da Burrinha
[Hugo Delgado/WAPA, 2013]

9.2.3. A PROCISSÃO DA BURRINHA: A Procissão da Senhora da “burrinha”, designada oficialmente como cortejo bíblico “Vós sereis o meu povo”, é organizada pela Junta de Freguesia e pela Paróquia de São Victor. Surgindo como evocação da procissão de Nossa Senhora das Angústias que marcou o quotidiano da freguesia desde a segunda metade do século XVIII e que integrava uma imagem de Nossa Senhora montada numa burrinha, que a tornou numa das mais populares da cidade de Braga. Realizando-se inicialmente no primeiro domingo de Julho, foi, após um tempo de interregno, integrada na Semana Santa em 1960, tendo decorrido até 1973. Retomada em 1998, deixando de lado o ideário devocional das Dores de Maria, centrou-se na narrativa da história da Salvação, desde Abraão até Jesus Cristo. Um dos últimos quadros repete a tradicional Fugida para o Egipto, com a representação de Nossa Senhora da “burrinha”, o quadro mais apreciado pelas pessoas que assistem.



Andor do Senhor Ecce Homo na noite de Quinta-Feira Santa

[Hugo Delgado/WAPA, 2016]

9.2.4. PROCISSÃO DO SENHOR ECCE HOMO: Organizada pela Irmandade da Misericórdia, é uma das manifestações mais significativas que compõem as solenidades bracarenses da Semana Santa. Popularmente conhecida como a procissão do Senhor da Cana Verde ou dos Fogaréus, evoca o julgamento de Cristo, quando Pilatos, dirigindo-se à multidão, proclamou: “Eis o Homem”, que em latim se pronuncia “*Ecce Homo*”, daí o nome dado à imagem que é transportada solenemente neste préstito. A origem e fundamento desta procissão deriva das práticas devocionais introduzidas no nosso país pelas Misericórdias. No dia da “desobriga” um préstito de penitentes que percorria as ruas em orações e lamentos. O imaginário ainda hoje é marcado pelo negrume das trevas, numa espécie de apelo ao arrependimento pelos males praticados ou cogitados. Os farricocos, ainda hoje integrados na procissão, são a personificação dos penitentes que ao longo dos séculos integraram esta manifestação. Além de muitas figuras alegóricas da Ceia e do julgamento de Jesus, desde 2004 incorporam-se na procissão alegorias das catorze obras de misericórdia, bem como figuras históricas ligadas à fundação e à história das Misericórdias, especialmente à de Braga. Desde há alguns anos incorporam-se também delegações de Misericórdias de diversos pontos do país.



Os estandartes das Irmandades arrastados pelas ruas na Procissão do Enterro do Senhor

[Hugo Delgado/WAPA, 2008]

9.2.5. A PROCISSÃO DO ENTERRO DO SENHOR: A Procissão do Enterro do Senhor é a mais imponente e solene manifestação pública da Semana Santa de Braga. Com origem nas práticas promovidas pela Irmandade de Santa Cruz a partir do século XVII, apenas se estabeleceu nas dinâmicas em 1933, na sequência da instituição da Comissão da Semana Santa ocorrida por ocasião do jubileu do Ano Santo da Redenção. Organizada conjuntamente pelo Cabido da Sé, Comissão da Semana Santa, Irmandade de Santa Cruz e Irmandade da Misericórdia, recorda a morte e a deposição de Jesus Cristo. Tal como um cortejo fúnebre, a procissão conduz uma urna com a imagem de Cristo morto, juntamente com o andor de Nossa Senhora da Soledade. Abre a procissão o andor “Consummatum Est”, numa versão contemporânea introduzida em 2017. Acompanham o percurso outras irmandades e corporações, os capitulares da Sé e autoridades civis e militares. Em sinal de luto, os participantes vão de cabeça coberta, ostentando um véu de luto. As matracas dos farricocos são silenciadas. As bandeiras e estandartes, com tarja de luto, arrastam-se pelo chão.



Prática do Rito Bracarense na porta da Sé, durante o Domingo de Ramos
[Hugo Delgado/WAPA, 2013]

9.2.6. RITO BRACARENSE: Detendo Braga uma particular tradição ritual, cuja vitalidade variou ao longo das eras, a Semana Santa afirma-se como momento primordial de afirmação desta emblemática manifestação ritual.

Um dos tempos litúrgicos que sobressai com maior originalidade na Igreja bracarense é certamente a Semana Santa, durante a qual se verificam inúmeros momentos celebrativos associados a este secular rito litúrgico. Neste âmbito registam-se inúmeras manifestações cujo conteúdo seria interessante explicar, contudo centrar-nos-emos nas mais relevantes: a Domingo de Ramos e a Procissão Teofórica do Enterro. Convém, no entanto elencar as demais exteriorizações deste rito inseridas neste particular tempo litúrgico:

– Na Quinta-Feira Santa, além das preces evocadas, destaca-se a bênção pontifical dada pelo Arcebispo entre a recitação do Pai Nosso e a comunhão, além da dimensão solene concedida à procissão que precede o despejo da reserva eucarística.

– Na Sexta-Feira Santa o maior destaque é a Procissão Teofórica do Enterro, que abordaremos a seguir, contudo a celebração da Morte do Senhor detém ainda algumas particularidades nos cânticos propostos e na Adoração da Cruz.

– A Vigília Pascal é outro momento de originalidade ritual, nomeadamente com a forma da Procissão da Ressurreição e das Vésperas Pascuais com ida ao Baptistério.

– No que concerne à Liturgia das Horas convém ainda assinalar as preces que são propostas para a oração de Laudes nos três dias do Tríduo Pascal.

Já fora do âmbito da Semana Santa, mas ainda enquadrada no tempo pascal, surge uma festa devota a Nossa Senhora da Alegria ou dos Prazeres, assinalada na segunda-feira a seguir à Páscoa – a Pascoela – dia com enorme tradição celebrativa no entorno geográfico de Braga. Esta festa sublinha o carácter mariano atribuído ao rito e recorda uma celebração que no século XVI também era assinalada pelas Igrejas de Lisboa e de Évora.



Igreja do antigo Convento do Salvador durante a Visitação de Sexta-Feira Santa

[Rui Ferreira, 2012]

9.2.7. VISITAÇÃO ÀS IGREJAS: A visita às sete igrejas é uma tradição ancestral associada à vivência da Quinta-Feira Santa na cidade de Braga. Esta prática devocional está associada à realização da Procissão das Endoenças na cidade de Braga, embora se realizasse independentemente desta.

Como se referia no Compromisso da Misericórdia de Braga de 1628, na Quinta-Feira de Endoenças “*se costuma a Irmandade da Misericórdia ajuntar para ir visitar em procissão algumas igrejas e sepulcros em que estão o Santíssimo Sacramento e com esta demonstração exterior, espertar o povo cristão ao devido sentimento da paixão de Cristo Redentor*”. Ainda hoje, em muitas localidades onde se realiza esta Procissão, se continua a fazer a visita às igrejas e capelas onde o Santíssimo Sacramento se expõe, razão pela qual o préstito é também apelidado de “Visitação às Igrejas”.

Segundo foi possível apurar esta forma manteve-se inalterada até à segunda metade do século XX. A visita às igrejas, que por vezes eram em número superior a sete, correspondia a um período de adoração eucarística permanente ao longo da Quinta-Feira Santa. A atribuição de particulares indulgências aos fiéis que percorressem as igrejas acabou por fomentar esta prática devocional, alargando inclusive o seu âmbito de realização.

O imaginário que preside a esta prática devocional de Quinta-Feira Santa estará certamente relacionada com as sete igrejas de peregrinação da cidade de Roma, que os fiéis devem visitar sempre que é proclamado Ano Santo.

Hodiernamente este costume mantém-se. As sete igrejas são “marcadas” com uma cruz da paixão junto da sua porta de entrada. Durante a tarde de Quinta-Feira Santa, os fiéis são convidados a visitarem sete igrejas da cidade de Braga: Sé Primaz, Misericórdia, Santa Cruz, Terceiros, Salvador, Penha, Conceição.



Compasso Pascal na Avenida Central
[Artur Pastor/ Arquivo Municipal de Lisboa, 1959]

9.2.8. COMPASSO/VISITA PASCAL: A Visita Pascal, popularmente conhecida como Compasso, é uma tradição associada à vivência religiosa do Tempo Pascal que detém presumíveis raízes na época medieval. Documentos dessa época confirmam que já existiria o costume do pároco percorrer as aldeias a benzer as casas no dia de Páscoa. A troca desta “visita” do responsável eclesial da comunidade, era requerido aos fregueses a cômputo, contribuição anual a que os fiéis cristãos são chamados.

Embora este costume esteja hoje bastante mais enraizado no Entre-Douro-e-Minho do que em qualquer outra região nacional, as notícias mais recuadas vêm da Diocese de Coimbra. A primeira referência direta à então chamada “bênção das casas” nos limites da Arquidiocese de Braga data do início do século XVII. Na segunda metade do século seguinte esta prática já estaria generalizada sob a designação de Compasso.

Na Arquidiocese de Braga este costume encontra-se bastante enraizado. Após uma discussão da temática no Sínodo Diocesano de 1918, o Arcebispo D. António Bento Martins Júnior em decreto datado de 21 de Fevereiro de 1942 haveria de oficializar as diretrizes formais sob as quais se deveria reger esta prática:

Trata-se efetivamente da mais relevante prática social de âmbito religioso realizada no nosso país. Se o Natal é fundamentalmente uma celebração familiar, a Páscoa, devido fundamentalmente à tradição do Compasso, implica a reunião da comunidade, que abre as suas portas ao responsável da Igreja local, aos seus familiares e aos vizinhos. Os sinais festivos – morteiros, bandas filarmónicas, flores – compõem o restante cenário.

A falta de sacerdotes haveria também de alterar a configuração da visita pascal. Cada grupo deverá ser acompanhado por um representante do pároco na impossibilidade deste percorrer a aldeia ou paróquia em que está investido. Religiosos, seminaristas ou diáconos cumprem esta missão, sendo cada vez mais frequente em ambiente urbano o recurso a leigos empenhados.

Outro dos costumes associados ao Compasso é, ainda hoje, o expurgo das casas. As pessoas efetuam limpezas de fundo nas suas habitações, deitando fora aquilo que é desnecessário ou opaco e perfumando os espaços que irão ser visitados pelo “Senhor”. As denominadas limpezas de Primavera detêm um simbolismo profundo. A Primavera é o tempo em que a natureza renasce após a “morte” exterior observada no Inverno.



Celebração de Nossa Senhora das Dores durante a Vigília Pascal na Basílica dos Congregados

[Filipa Pinheiro, 2018]

9.3. MANIFESTAÇÕES ASSOCIADAS

9.3.1. FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES:

Trazida para Portugal por uma rainha da dinastia de Habsburgo, a evocação das Dores de Maria encontrou na cidade de Braga o seu empório devocional, partindo da especial inspiração de um do oratoriano Martinho Pereira (1723-1795). Na basílica dos Congregados, outrora templo dos oratorianos, se mantém até hoje uma emotiva representação da Mãe que chora ao pé da Cruz, eixo fundamental na introdução de um ideário mariano com uma fundamentação e prática muito característica.

Aquele altar e aquela imagem não são apenas mais um no imenso rol de devoções dolorosas da Mãe de Jesus disseminadas por todo o território nacional e até no Brasil. Foi a partir daquela imagem que se conceberam muitas centenas de outras que se instalaram em outros tantos templos.

A solenidade de Nossa Senhora das Dores da Basílica dos Congregados decorre na sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos e no Sábado Santo, durante a Vigília Pascal. Apesar do seu dia litúrgico ter sido fixado a 15 de Setembro, o seu culto foi estabelecido inicialmente na Sexta-Feira da Paixão (Semana V da Quaresma) e assim se manteve neste templo.

A Festa coincide propositadamente com a passagem do Lausperene Quaresmal pelo templo dos Congregados. O segundo ato desta solenidade decorre na noite do Sábado Santo, mais propriamente no final da celebração da Vigília Pascal, momento em que a imagem de Nossa Senhora é coroada, sendo-lhe retiradas as sete espadas – uma a uma – em alusão à alegria da ressurreição.



Saída do Compasso Pascal na tarde de segunda-feira de Páscoa
[Hugo Delgado/WAPA, 2013]

9.3.2. A PÁSCOA NA CÓNEGA: A Páscoa na cidade de Braga não se limita ao Domingo festivo. O “after-day” tem direito a significativos regozijos, que podem entreter o mais prolongado turista. A mais significativa festividade realizada dentro da área urbana, mais propriamente na paróquia da Sé, bem no centro histórico de Braga, acontece na tradicional e bairrista rua da Cónega. As celebrações pascais da rua da Boavista (Cónega), cuja designação formal é Festa do Senhor das Ânrias, decorrem entre a noite de Sábado Santo, após a vigília pascal, estendendo-se até à segunda-feira de Pascoela. A mordomia é assumida rotativamente por uma das famílias da Cónega.

O programa de celebrações inicia-se oficialmente com a tradicional Queima do Judas na noite da vigília pascal., prolongando-se pelo Domingo de Páscoa. O dia grande das celebrações acontece na segunda-feira, iniciando-se o programa com uma missa solene na capela do Senhor das Ânrias localizada a meio trânsito na rua da Boavista.

No final da celebração é efetuada a visita pascal à urbanização da Quinta das Hortas e a outras zonas limítrofes da rua da Boavista. Para a tarde está reservada a visita pascal a partir da Sé. Acompanhados por uma banda filarmónica saem os quatro Compassos em cortejo festivo até à rua da Boavista, onde uma multidão os aguarda.

Chegados à tradicional artéria, decorada com as costumadas ornamentações minhotas e trajada de colchas nas janelas, realiza-se a visita pascal a todas as habitações da rua, momento participado por moradores, familiares e antigos habitantes da Cónega. No céu estouram morteiros e a toada da filarmónica que acompanha abafa os ruídos jubilosos da multidão. Apesar de ser segunda-feira, a festa da Ressurreição de Cristo continua como se feriado se tratasse.

As celebrações pascais da rua da Cónega deverão recuar ao ano de 1695, altura em que foi iniciada a devoção ao Senhor das Ânrias neste local.



CAPÍTULO II

Direitos associados



Comissão da Semana Santa de Braga no ano 2019

1. TIPO: Observando-se que existe uma prática reiterada e constante do conjunto de manifestações que integram a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga*, que implica a criação de um imperativo psicológico junto da comunidade para a sua continuidade, o direito relativo a esta prática é de natureza coletiva e carácter consuetudinário.

Não se encontrando consagrado legalmente a realização e salvaguarda das manifestações que integram a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga*, algumas das suas práticas encontram-se salvaguardadas nos imperativos estatutários de algumas das entidades responsáveis, nomeadamente da Santa Casa da Misericórdia, Irmandade de Santa Cruz e Cabido da Sé.

O carácter consuetudinário destas manifestações acaba por fundar na população bracarense uma apropriação moral das manifestações mencionadas.

2. DETENTOR: Os detentores dos direitos coletivos relativamente ao conjunto de manifestações que integram a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* são o Cabido da Sé, Santa Casa da Misericórdia de Braga, Irmandade de Santa Cruz, Paróquia de S. Victor, Junta de Freguesia de S. Victor, Arciprestado de Braga, Associação Comercial de Braga, Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte e Comissão da *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga*. No entanto, os detentores primários do direito coletivo são os bracarenses, residentes ou nascidos nas freguesias que constituem o Município de Braga



CAPÍTULO III

Património associado



Procissão Teofórica do Enterro percorrendo as naves da Sé Primaz

[Hugo Delgado/WAPA, 2013]

1. PATRIMÓNIO CULTURAL

1.1. MÓVEL: O conjunto de cerimoniais e práticas religiosas e culturais que compõem a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* implicam a utilização de um incomensurável rol de elementos de património móvel, nomeadamente no âmbito da escultura, indumentária, ourivesaria ou pintura. Ao longo do presente documento fomos elencando alguns desses elementos, nomeadamente no âmbito das manifestações do Lausperene Quaresmal e das procissões que integram a *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga*. Uma parte significativa dos elementos mencionados são pertença do Cabido da Sé, da Irmandade de Santa Cruz, da Santa Casa da Misericórdia de Braga e também da Paróquia de S. Victor.

Segue-se um breve resumo:

Lausperene Quaresmal: custódias, castiçais em prata ou talha dourada, porcelanas, veludos e cortinas bordadas, colchas, lanternas e outras luminárias.

Procissão dos Passos: imagem e andor do Senhor dos Passos, imagem e andor de Nossa Senhora da Soledade, guiões e standartes, umbela basilical e sine-

ta, pátio, lanternas, ostensório e círios, bem como toda a indumentária dos figurantes.

Procissão da Burrinha: imagem de Nossa Senhora do Egípto, a representação da Arca da Aliança e das Pirâmides do Egípto, luminárias, painéis e indumentária vária.

Procissão do Senhor *Ecce Homo*: imagem e andor do Senhor *Ecce Homo*, standartes seiscentistas, painéis das obras de misericórdia, balandraus matracas e fogaréus, lanternas e pátio, opas e círios.

Procissão do Enterro do Senhor: imagem de Nossa Senhora da Soledade, o esquife do Senhor Morto, standartes e painéis, lanternas, dois pálios, opas, turíbulos, ostensório e círios, bem como toda a indumentária envergada por clérigos e figurantes.

Procissão Teofórica do Enterro: Urna, pátio, lanternas, turíbulos e navetas, amictos.

Muitos destes exemplares de Património Móvel encontram-se devidamente inventariados e expostos ao público no Tesouro Museu da Sé Primaz, no Centro Interpretativo Memórias da Misericórdia de Braga e no núcleo museológico da Irmandade de Santa Cruz.



O Lausperene Quaresmal na Igreja da Misericórdia
[Hugo Delgado/WAPA, 2008]

1.2. PATRIMÓNIO IMÓVEL

Para desenvolver todo o património imóvel que serve de contexto às manifestações integradas na *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga* teríamos incontável rol. Desde a Sé Primaz, sede dos principais rituais, passando pelos 23 templos onde se aloja o Lausperene Quaresmal. Por isso mesmo, optamos por abordar apenas o Património Imóvel que se relaciona diretamente com o mesmo imaginário que preside à *Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga*, que é a Paixão de Cristo. Na cidade de Braga existem exemplares relevantes que se relacionam diretamente com a construção deste imaginário que não se revela apenas na vertente imaterial, mas também se foi expressando de forma monumental. O Bom Jesus do Monte é o mais evidente caso de uma Semana Santa perene – e não será por acaso ambas as ocorrências terem Braga como epicentro – mas também a Igreja de Santa Cruz ou a Capela do Senhor Morto se constituem como expressões de um imaginário que integra a alma desta comunidade desde há séculos.



Interior da Sé Primaz durante a Semana Santa
[Hugo Delgado/WAPA, 2013]

1.2.1. SÉ PRIMAZ: A centralidade do espaço físico da Sé Primaz é inequívoca nos cerimoniais da Semana Santa. Portadora das principais dinâmicas sociais e religiosas de Braga ao longo de vários séculos, a Catedral é sede espaço-temporal dos acontecimentos das solenidades bracarenses.

Edificada em 1089, a Sé Primaz foi outrora espaço sagrado para romanos e para cristãos, tal como atesta a arqueologia. Entretanto, nos nove séculos seguintes os sucessivos arcebispos quiseram deixar a sua marca no edifício, sendo particularmente destacadas as intervenções de D. Diogo de Sousa e D. Rodrigo de Moura Telles.

Sendo o espaço mais ancestral da vivência do Cristianismo na cidade de Braga, desde logo a Sé Primaz se afirma como cerne da celebração pascal. É ali que o Arcebispo Primaz preside aos ofícios mais solenes. É também ali que

sobrevive o costume litúrgico bracarense que atinge neste tempo do calendário a sua maior exaltação.

É na Catedral que se inicia solenemente o Lausperene Quaresmal na Quarta-feira de Cinzas, sendo antecipado através da chamada devoção das Quarenta Horas. Entretanto, as naves do templo são adornadas com véus roxos, e as frestas das paredes vedadas com películas da mesma tonalidade, limitando a entrada da luz natural de forma a permitir um particular recato.

A galilé é o cenário preferencial dos peculiares ritos que marcam a abertura das portas da Catedral durante a celebração do Domingo de Ramos. Outra das práticas mais características do rito bracarense, a Procissão Teofórica do Enterro, tem igualmente como cenário as naves escurecidas da Sé Primaz, no final da celebração da Morte do Senhor.



Sermão do Encontro durante a Procissão dos Passos, no Largo Carlos Amarante

[Hugo Delgado/WAPA, 2015]

1.2.2. IGREJA DE SANTA CRUZ: Um dos exemplos mais significativos do imaginário da Paixão de Cristo na cidade de Braga é a Igreja de Santa Cruz. Este templo apresenta uma profunda intimidade com toda a simbologia da Paixão e morte de Jesus, estando a sua estrutura arquitetónica e decorativa ligada aos símbolos ressaltados nos relatos dos Evangelhos. Tanto a fachada como o interior obedecem a uma rígida uniformidade simbólica. Construído em diversas fases, entre o ano de 1624 e 1736, o templo apresenta uma interessante perspetiva da dimensão simbólica e iconográfica do barroco, aplicada à arquitetura religiosa.

Sede de uma confraria devotada ao “bom Jesus da Vera Cruz”, fundada no ano de 1581, foi no ano de 1625 que se iniciou a construção do templo, efetuada em diferentes etapas e em linguagens estéticas distintas.

A fachada da Igreja de Santa Cruz exhibe o mais complexo conjunto monumental bracarense relativo à Paixão de Cristo. Se o exterior exhibe um vasto conjunto devocional associado à Paixão de Cristo, o interior corresponde à estrutura narrativa de uma Via Crucis. O corpo da igreja detém uma só nave dotada de seis capelas laterais subdivididas em dois grupos simétricos e de uma capela-mor mais ampla. Os sete espaços de culto interligam-se a partir de uma planificação objetivamente centrada em igual número de momentos associados à vivência espiritual da Paixão de Cristo.

Foi a partir desta Igreja e da iniciativa da sua irmandade que se começou a realizar a Procissão do Enterro do Senhor, no decorrer do século XVII e, a partir de 1773, da Procissão dos Passos, que consistia precisamente num excelso e solenizado percurso de Via Crucis pelas ruas da cidade.



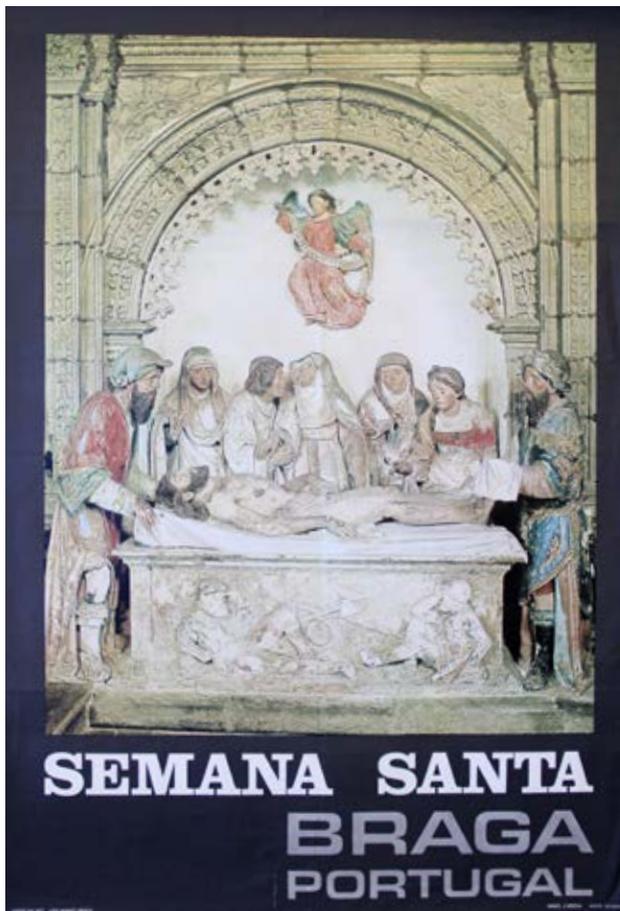
Passo da Semana Santa no Largo de Santiago com escultura da Irmandade de Santa Cruz
[Arcelino/ Fototeca do Museu Nogueira da Silva/UM/ASPA, 1961]

1.2.3. OS PASSOS: Ao longo do percurso da Procissão dos Passos existem os “Passos”, pequenos altares que aludem às diversas etapas da Via Crucis. Era muito frequente serem sete o número de etapas, existindo até muitos lugares em Portugal que edificaram capelas devotadas a cada “passo” da Paixão. Na cidade de Braga seriam sete, tal como era tradição coeva.

É bem provável que até meados do século XVIII os Passos fossem exemplares de arte efémera, apenas aparelhados no período quaresmal. A partir de meados do século XVIII os Passos passaram a ser estruturas fixas. Os sete Passos localizavam-se então no Campo de Santiago, Capela dos Coimbras, Senhora do Leite, Carvalheiras, Porta Nova, Galeria, Senhora da Abadia, seguindo o renovado percurso da procissão. Atualmente registam-se três mudanças significativas, devidas fundamentalmente às alterações produzidas ao percurso da procissão no início do século XX.

As práticas devocionais associadas aos Santos Passos não se limitavam à orientação do percurso da Procissão de domingo à tarde. A tradição bracarense, que perdurou até ao século XX, consistia na realização de Vias Sacras durante toda a madrugada de domingo, desde a meia-noite até às sete da manhã. Esta prática devocional, hoje perdida, apenas conserva a Via Sacra que decorre imediatamente após a procissão da trasladação da imagem do Senhor dos Passos. O Miserere fazia parte do repertório habitualmente entoado, juntamente com os Martírios, cântico bracarense que ainda hoje é cantado espontaneamente durante o percurso.

Na Atualmente, durante a Semana Santa são aparelhados oito Passos com as cenas da Via Crucis, conjunto constituído por um Passo de instalação efémera (Largo de São Paulo) e sete Passos monumentalizados (rua de São Paulo; Campo de Santiago; Casa dos Coimbras; rua D. Paio Mendes; Casa do Igo; Praça Velha; e Largo do Paço). Em 2016 a Irmandade de Santa Cruz procedeu a uma reforma significativa de todos os Passos.



Capela do Senhor Morto em destaque no cartaz da Semana Santa de Braga de 1977
[BPB]

1.2.4. CAPELA DO SENHOR MORTO: A Deposição no túmulo, também conhecida como Sepultamento, é um registo iconográfico muito reiterado ao longo do século XVI em Portugal. Em Braga, o provisor do Arcebispo D. Diogo de Sousa, D. João de Coimbra haveria de mandar construir uma capela para servir de sepultura aos seus descendentes dedicada a Nossa Senhora da Conceição, erigida, como era costume, em dependência da igreja paroquial de S. João do Souto. Belíssimo exemplar tardo-gótico de Braga, a capela foi construída a partir de 1525, sendo obra provável dos artistas biscainhos.

No seu interior regista-se a presença de um conjunto esculpido com a temática do sepultamento de Jesus. Esculpido em pedra de ançã e assente em um retábulo revestido de elementos decorativos renascentistas, este conjunto repete o conhecido modelo de João de Ruão, razão pela qual lhe

é atribuída a autoria. A representação apresenta o corpo de Jesus a ser deposto em primeiro plano, carregado por duas figuras masculinas (Nicodemos e José de Arimateia?), tendo ao fundo a representação de Nossa Senhora, exibindo profundo dramatismo, ladeada por outras quatro figuras identificadas como sendo João Evangelista, Maria de Magdala, Marta e Maria Madalena.

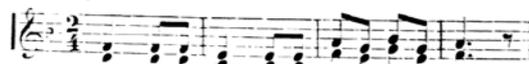
A valia do conjunto é significativa e a temática que lhe está subjacente está obviamente vinculada ao facto de se tratar de uma capela familiar com finalidade de servir de sepultura aos seus instituidores. O facto de deter uma temática associada à Paixão de Cristo, faz com que abra as suas portas aos fiéis durante a Quinta e Sexta-Feira Santa, para além do dia da padroeira, Nossa Senhora da Conceição. Devido à popularidade do retábulo quinhentista, detém a denominação popular de Capela do Senhor Morto.

Martírios de Cristo

BRAGA

Ré menor, sem sensível

$\text{♩} = 60$



Pa - de - ceu gran - des tor - men - - tos,



du - ros mar - ti - ri - os na cru - - uz.



Mo - rreu pa - ra nos sal - ba - - - r(e),



ben - di - to se - - ja Je - su - - us!

Quanto por nós padeceste,
meu bon Jesus Salvador!
Quen há que possa esquecer
tantos excessos de amor!

Bendita e louvada seja
a Paixão do Redentor,
que, p'ra nos librar de culpas,
morreu em nosso favor.

O cântico dos "Martírios" no
Cancioneiro Minhoto de Gonçalo
Sampaio [1931]

1.3. PATRIMÓNIO IMATERIAL

1.3.1. SONS: Segundo Gonçalo Sampaio que integra este cântico no seu “Cancioneiro Minhoto”, a mais importante recolha da tradição musical do Baixo Minho, os “Martírios” é muito conhecida do povo que faz questão de a conservar na tradição da Semana Santa de Braga. O momento em que Estas vias-sacras estavam associadas à Procissão dos Passos, realizando-se a partir da meia-noite do Domingo da Paixão e perdurando até o sol raiar.

Apesar da letra ser semelhante a outras que subsistem por todo o país, Braga apresenta uma sonoridade particular do tradicional cântico dos “Martírios”. Este cântico costuma ser entoado durante a transladação da imagem do Senhor dos Passos na véspera do Domingo de Ramos.

*Bendita e Louvada seja / A Paixão do Redentor
Que, para nos livrar das culpas, / Morreu em nosso favor*

*Padeceu grandes tormentos / Duros martírios na cruz
Morreu para nos salvar / Bendito seja Jesus!*

1.3.2. NOS CHEIROS: Ao contrário das sonoridades associadas aos cerimoniais que integram a Quaresma e Semana Santa de Braga, a dimensão olfativa não obtém um particular relevo neste âmbito. O cheiro a flores e velas queimadas durante o Lausperene Quaresmal ou o suave eflúvio que se denota quando os fiéis se inclinam sobre o esquife com a imagem do Senhor morto para a venerar são algumas das notas olfativas associadas.

O aroma a incenso, provocado pelos incensários de pé alto espalhados nos pontos mais relevantes da narrativa processional será o mais característico apelo olfativo que decorre da realização das procissões. Antecipando o pátio, que costuma fechar as procissões, seguem alguns turiferários propagando, com os seus turíbulos fumegantes, o perfume a incenso mais apumado que o que se experimenta proveniente dos incensários. Outro dos cheiros que imediatamente remetem para os cerimoniais da Semana Santa, nomeadamente para a Procissão do Senhor *Ecce Homo*, relaciona-se com as pinhas queimadas nas taças dos fogaréus. Ainda nas procissões é inevitável referir o odor intenso proveniente dos equídeos que inauguram o desfile, bem como o intrusivo cheiro a farturas e pipocas que costumam instalar-se nas proximidades das ruas por onde vai passar a procissão.



Cesto com rebuçados do Senhor durante o Lausperene Quaresmal
[Hugo Delgado/WAPA, 2009]

1.3.3. NO LÉXICO: O património vocabular deve ser entendido como uma das formas de tradução da experiência cultural acumulada de uma determinada comunidade. Dado ser revelador de um sistema de práticas especificamente aplicadas no âmbito das suas manifestações, a Semana Santa de Braga transporta um acervo lexical, que torna oportuna a sua abordagem.

O Lausperene Quaresmal, que encerra algumas particularidades lexicais. No que diz respeito à tradição oral, muitos bracarenses continuam a referir-se ao Lausperene como “ir ao Senhor”. É comum escutar-se expressões como “O Senhor hoje está nos Terceiros!” ou “Vou ao Senhor ao Pópulo!”. Também os tradicionais rebuçados que são vendidos na porta das igrejas onde decorre o Lausperene detêm a denominação de “rebuçados do Senhor”.

No que se refere ao figurado processional existem também algumas alusões curiosas do ponto de vista lexical. A personagem da Verónica, para muitos é “Barónica”. Os soldados romanos, são tratados depreciativamente como “judeus”. Genericamente se designa por “ir de anjinho” ao ato de participar na qualidade de figurante

nas procissões. No léxico bracarense almeja um particular protagonismo a palavra “farricoco”, dada a popularidade da figura. Era frequente apelidar-se estas figuras de “fogaréus”, na documentação associada à procissão do Senhor *Ecce Homo*. No entanto, no início do século XVIII já se designavam por “cocos” aqueles que, de rosto tapado, acompanhavam a Procissão do Senhor dos Passos. Acreditamos que o vocábulo possa resultar da união da palavra “coco”, que era a designação comumente utilizada, com a palavra “farra”, que poderá aludir ao comportamento que era pressuposto com a presença destas figuras nas procissões. No que concerne à Procissão do Enterro do Senhor surge a curiosa expressão “cantar o éu”, rementendo para o coral que, atrás do esquife, entoava o secular lamento associado ao ritual da depositio: «Heu! Heu! Domine! Heu! Heu! Salvator noster!» (Ai! Ai! Meu Senhor! Ai! Ai! Salvador nosso!). Este cântico também é entoado durante a Procissão Teofórica do Enterro. Já enquadrado no tempo pascal observamos algumas expressões linguísticas próprias. No referente ao compasso pascal, que continua a realizar-se no espaço urbano de Braga, é muito popular dizer-se “beijar a cruz” em vez de “receber o compasso”.

Rei-chegou; e o abbade de Calvos, dentro de um carroção e vestido de pontifical, burrifava o povo com hyssopadas de agua-benta, cantando o *Bem-dito*. As tropas estendiam-se até Barcellinhos, e pelo Cavado abaixo velejavam muitos barquinhos embandeirados de galhardetes com as bandas musicaes de S. Thiagô d'Antas e de Ruivães tocando a *Cana-verde* e *Agua leva o regadinho*. Em um d'esses bergantins com pavilhão de colchas vermelhas vinha sentada a irmã do padre Roque, mestre de latim, com os seus oculos, a fazer meia; e ao lado d'ella, vestida de setim branco e borseguins vermelhos dourados, com os cabellos soltos, vestida como os anjos da procissão da Senhora da Burrinha em Braga, a Martha de Prazins. Elle estava na ponte, absorto na visão da noiva que chegava pelo Cavado para se casar quando um visinho lhe bateu com o cabo da sachola na janella trez pancadas. Saltou da cama atordoado.

— Que fugisse pelo quintal que já estavam soldados a entrar nas Lamellas com o regedor.

Zeferino ganhou de prompto os desvios d'um

Referência aos anjinhos da Procissão da Burrinha no capítulo XV da obra "A Brasileira de Prazins" de Camilo Castelo Branco, publicada em 1882

1.3.4. NA LITERATURA: Não é vasta nem significativa a expressividade literária dos cerimoniais mais relevantes verificados ao longo do tempo quaresmal e do tríduo pascal na cidade de Braga, no entanto integra nomes intemporais como Camilo Castelo Branco e José Saramago.

O mais significativo texto literário versando os cerimoniais que integram as solenidades bracarenses pertence a Antero de Figueiredo e integra a obra “O último olhar de Jesus”. Aí, tornando viva a memória que lhe ficara do tempo que passara em Braga como estudante, descreve com pormenor o ambiente religioso experimentado. Nesse âmbito, atribui particular relevância à Procissão dos Passos, que descreve pormenorizadamente. Realçando costumes que levantaram polémicas na segunda metade do século XIX, mantém viva a memória da “enfiada” que se costumava praticar com os guiões nas portas da desaparecida muralha medieval bracarense, bem como da chocante e desordenada presença de disciplinantes e outros penitentes, que acabou suprimida pelo arcebispo em 1876.

O mesmo escritor haveria de conceber um célebre artigo para a revista “Ilustração Portuguesa” em 1907, intitulado “Procissão dos Fogaréus”, no qual descreve a “noite cerrada” em que saía da igreja da Misericórdia a procissão de Endoenças, “que significava a visitação da Irmandade às Sete Igrejas”. Devotando-se particularmente ao cenário de “devassa pública” provocado aquando da “ronda dos fogaréus”, trata-se efetivamente de um dos mais relevantes testemunhos dos cerimoniais públicos da Semana Santa de Braga.

Também a procissão da Burrinha, outrora realizada fora do âmbito quaresmal, merece um particular relevo da parte de dois importantes nomes da literatura nacional. Camilo Castelo Branco, na sua “Brasileira de Prazins”, haveria de associar a indumentária da sua personagem Martha de Prazins àquelas que os “anjos da procissão da Senhora da Burrinha em Braga” envergariam. A menção camiliana a uma procissão que decorria fora do eixo das mais influentes corporações sediadas

«Calavam-se os sinos nas torres, os relógios não batiam horas, eram a meia voz os pregões nas ruas, a garotada assobiava a medo, e às crianças proibia-se-lhes o riso e o canto. Nos botequins cobriam-se os bilhares, guardavam-se os baralhos das cartas, as pedras do dominó, as bugalhas do quino, os dados e o tabuleiro do quezilento gamão — porque era sacrilégio toda a espécie de jogo nesses dias de luto religioso (...) Um negro silêncio, como cerrada nuvem que descesse e abafasse a cidade, entenebrecia tudo. Havia crepes no aspecto das casas e das ruas; na austeridade dos trajas; na fisionomia das pessoas; no recolhimento dos gestos. As senhoras não usavam jóias, e os fidalgos, deixando as suas caleças, saíam a pé. O comércio fechava meias portas e não tirava os taipais. Calava-se, nas casas em construção, o chiar das roldanas e a melopeia dos pedreiros a içarem cantarias; e também se não

ouvia nas ruas a gaita do bota-gatos, as campainhas dos machos liteiros, o solavanco dos carros de bois, o bater sonoro dos tanoeiros e o tintinar dos martelos de aço na bigorna dos ferradores da rua das Águas e dos Chãos. Nalguns lares não se acendia lume; e nos corredores dessas casas piedosas tudo era cheiro a flores e a cera, e um formigar de mulheres a dispor jarras, a enfeitar oratórios, acendendo velas bentas, indo e vindo em passadas moles, o corpo caído para a frente, o lenço do luto nos bandós colados à testa, nas faces chupadas o jejum dos quarenta dias quaresmais, os olhos pestanejando de cansaço, e no fio dos beiços sem cor o bichanar miúdo de centenas de Padres-Nossos e de Ave-Marias, ciciados automaticamente. O Senhor estava morto!»

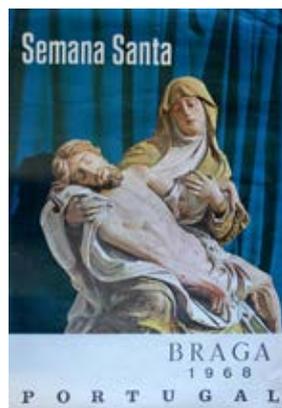
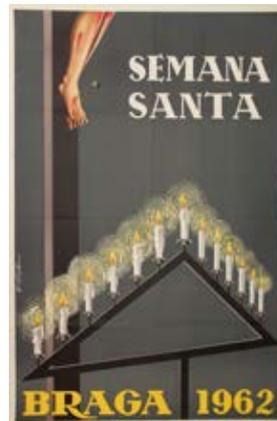
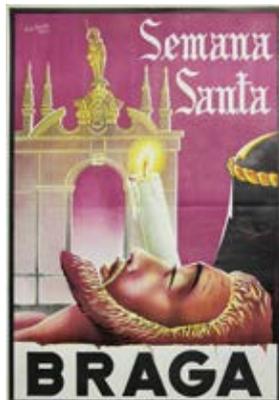
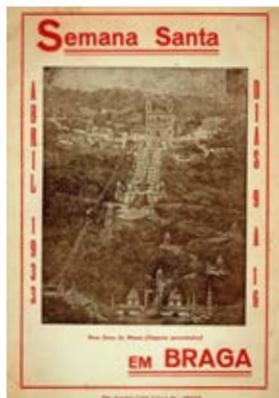
Antero de Figueiredo, “A Procissão dos Fogarécus”, *in* Ilustração Portuguesa 3 (57)



na Braga oitocentista funciona como confirmação de uma prática devocional que acabaria por perdurar no imaginário bracarense. Se Camilo se deixou impressionar pelo facto de existir uma procissão batizada com o nome de um jumento, sensivelmente um século depois, seria José Saramago a deixar-se tocar pela imagem mariana que costumava presidir à mesma procissão. Na sua “Viagem a Portugal”, de passagem pela Igreja de S. Victor, deixara gravada a experiência que o detivera na sacristia do templo: uma figura feminina “toda de rendas vestida, com um galante chapéu de aba larga, igualmente toucado de rendas, todo um ar de maja goyesca, castiça no porte da cabeça e nos cabelos soltos” que ao colo tinha “um menino que mal se distinguia entre o fofo de folhos e bordados”. Confrontando-se com a mencionada representação num tempo em que

a procissão da Burrinha deixara de se realizar, este literato ficou tocado com a denominação da imagem mariana que lhe fora transmitida. Cerca de duas décadas após esta experiência, aquela imagem mariana “que bem poderia ser do Enjeito”, então no anonimato, acabaria por reaver a sua dimensão pública, presidindo a um renovado cerimonial.

Na contemporaneidade encontramos um poema de Vergílio Alberto Vieira devotado à “Procissão do Enterro”. O “silêncio sepulcral” e a “marcha, a passo lento” da procissão que “veste de luto até ao chão” e que transporta o “Senhor da cruz descido” compõem a métrica de um dos raros testemunhos literários do cerimonial que desperta maior emoção na versão hodierna da Semana Santa bracarense.

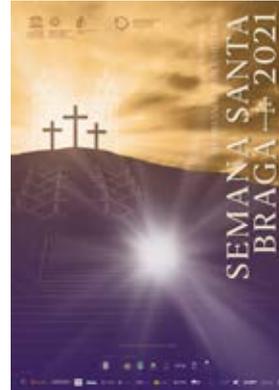
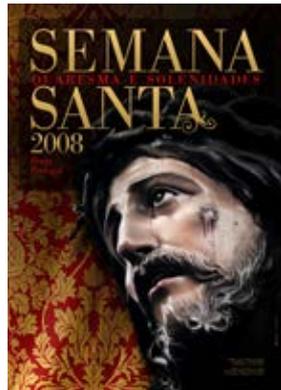
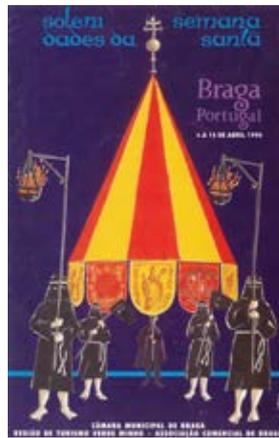
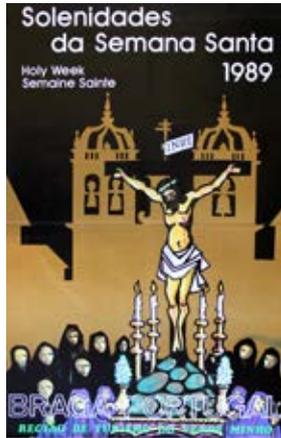


1.3.5. ICONOGRAFIA: A história gráfica deste evento não é tão longa como, por exemplo, a das Festas de São João, celebrações oficiais do município que já detinham um nível de organização e envolvimento social anterior. Foi apenas com a criação da Comissão da Semana Santa em 1933, que se fundem as práticas já realizadas pelas diversas instituições num único programa. Recuam a essa data os exemplares mais antigos de cartazes e brochuras.

A partir daí, detemos um número significativo de imagens ilustradas com o objetivo de anunciar e promover a edição anual das Solenidades da Semana Santa. A mais imediata observação fornece-nos algumas indicações básicas, desde logo a tonalidade dominante. O roxo e o negro são as opções mais óbvias como contexto formal do desenho, cores obviamente associadas ao ciclo litúrgico em que a Igreja recorda a Paixão de Cristo – a Quaresma – e também a cor mais associada ao luto e à morte. Existem alguns cartazes que derivaram episodicamente para o azul ou vermelho borgonha, cores aproximadas do roxo.

Analisando as ilustrações, o farricoco salienta-se como o elemento iconográfico mais utilizado nos sucessivos cartazes. Esta figura, tipicamente bracarense, representa os penitentes, que hoje são símbolo da Semana Santa, mas que outrora punham os seus pecados ao longo do percurso das procissões. A cruz é também elemento primordial de representação, embora esta não replique qualquer formato especificamente bracarense, mas se revele através de incomensuráveis formas de reprodução. A mais frequente é a cruz do descimento, representação desnuda do crucifixo com as hastes laterais envolvidas num tecido branco.

Apesar de alguns dos cartazes apresentarem configurações genéricas da cenografia da Paixão de Cristo, a maior parte tenta integrar elementos típicos do cerimonial público das Solenidades de Braga. A imagem do Senhor dos Passos, protagonista da procissão homónima organizada pela Irmandade de Santa Cruz, por duas vezes (1972 e 2008); e a imagem do Senhor *Ecce Homo*, incardinada na procissão da Irmandade da Misericórdia, igualmente por



duas vezes (em 1975 e 1988), foram também recursos iconográficos dos cartazes da Semana Santa.

A centralidade do espaço físico da Sé Primaz é inequívoca nestas celebrações e isso mesmo está também patente nas opções iconográficas dos cartazes. Portadora das principais dinâmicas sociais e religiosas de Braga ao longo de vários séculos, a Catedral é igualmente sede espaço-temporal dos acontecimentos que envolvem e determinam a Semana Santa enquanto realidade unívoca. A igreja de Santa Cruz (1988), o Arco da Porta Nova (1953 e 1983) e a Capela dos Coimbras (1977) também foram opção cenográfica.

No que concerne à elaboração dos projectos e concepção visual dos cartazes salienta-se inevitavelmente o nome de José Veiga (1925-2002), artista popular bracarense a quem se devia também a autoria dos projectos das decorações de rua associados à Semana Santa. Desde 1957

e, salvo raras exceções, até ao ano da sua morte, o mestre Veiga imprimiu o seu estilo na imagem associada às celebrações bracarenses. O farricoco, elemento determinante do cartaz no seu ano de estreia, foi a representação mais repetida nos seus cartazes, contudo os demais elementos presentes nas procissões foram também um recurso frequente nas ilustrações: por exemplo estandartes processionais (1992 e 1999), pálio (1984) ou umbela basilical (1998). Nomes como Alvim Braga ou Faria Barbosa e, mais recentemente, a agência de comunicação Paleta de Ideias também se responsabilizaram pela concepção da imagem gráfica do evento.

Entretanto, a concepção do cartaz acabaria por influenciar as opções iconográficas a utilizar nas decorações das ruas, particularmente a partir da década de 1990, quando os tecidos deram lugar a estruturas desenhadas. As ruas da cidade, escurecidas pelos tons roxo e negro, completam o cenário triste e soturno da Semana Santa bracarense.



Procissão dos Passos percorrendo as ruas com as olaias floridas em fundo

[Rui Ferreira, 2012]

1.4 PATRIMÓNIO NATURAL

Também o Património Natural encontra um particular enquadramento com os cerimoniais da Semana Santa. A flor do Tremeceiro-amarelo (*Lupinus luteus*) está associada ao quadro mais apreciado do Cortejo Bíblico “Vós sereis o meu povo”. Durante a representação da Fugida para o Egipto, momento icónico do préstito, sucedendo à imagem de Nossa Senhora montada num jumentinho, surge uma plêiade de figurantes. A imagem oitocentista carrega nas suas mãos um ramo contendo as flores de tremeceiro-amarelo. Atrás de si um grupo de mulheres segura também cada qual um ramo de flor do tremeceiro-amarelo.

Trata-se de uma alusão a uma lenda associada ao episódio da Fugida para o Egipto. Segundo esta narrativa integrada no imaginário cristão, no seu percurso a Sagrada Família viu-se forçada a atravessar um campo de tremeceiros, onde diversas pessoas dormiam. Devido ao facto de os tremeceiros chocalharem quando calcados, Nossa Senhora terá rogado aos tremeceiros para se silenciarem à sua passagem. Milagrosamente, os tremeços não fizeram qualquer rumor enquanto a Sagrada Família os atravessava e Jesus Cristo pôde ser salvo da ira de Herodes.

Também durante a Semana Santa, as ruas Francisco Sanches e Justino Cruz, localizadas no centro histórico de Braga, surgem pintalgadas de tonalidades arroxeadas devidas às flores das olaias aí implantadas desde a década de 1990. A olaiá (*Cercis siliquastrum*) é uma árvore pequena com 10 a 15 m de altura, nativa do sul da Europa e sudoeste asiático, comum no sul d Europa, que forma uma árvore baixa com uma copa achatada. No início da primavera fica coberta com uma profusão de flores arroxeadas, que aparecem antes das folhas.

A tradição popular considera que foi nesta árvore que Judas Iscariotes se enforcou após ter traído Cristo, daí a designarem por árvore de Judas. O facto de as suas flores desabrocharem frequentemente no período da Semana Santa, aliada à tonalidade ruborizada das suas pétalas (a fazer lembrar o sangue), terá sido fator indutor desta associação.

Todas as procissões da Semana Santa de Braga, no momento em que atravessam a rua do Souto, cruzam as duas ruas onde se implantam as olaias floridas.

▪▪ **MatrizPCI**

**Inventário Nacional
do Património Cultural Imaterial**